



Texto multimodal e texto plurissemiótico: contornos conceituais

Multimodal text and plurisemiotic text: conceptual contours

Clemilton Lopes PINHEIRO*

Mateus Parducci Soares de LIMA**

Héberton Mendes CASSIANO***

RESUMO: No atual contexto da Linguística Textual (LT) brasileira, observamos o uso variável dos termos “texto multimodal” e “texto plurissemiótico”. Diante disso, defendemos que, embora esses termos apontem para um mesmo dado empírico, (uma entidade de materialidade híbrida) teoricamente, circunscrevem conceitos distintos. Objetivamos, portanto, traçar um contorno conceitual mínimo desses termos e discutir os respectivos desdobramentos teórico-metodológicos. Para isso, traçamos uma gênese dos termos, a fim de identificar os quadros teóricos nos quais eles aparecem. No marco das abordagens da multimodalidade, o texto multimodal é uma instância semiótica mobilizadora de uma multiplicidade de modos em uma situação comunicativa. Esse conceito de texto, baseado na ideia de modo, é importado à LT. A plurissemioticidade aparece nos estudos do discurso como atividade discursiva caracterizada pelo contato entre semioses/sistemas semióticos, mas não encontramos texto plurissemiótico como um conceito. Tomando como base a noção de signo e sentido, propomos um conceito de texto plurissemiótico às vias da LT de Eugenio Coseriu.

PALAVRAS-CHAVE: Modo. Multimodalidade. Plurissemioticidade. Semiose. Texto.

ABSTRACT: In the current context of Brazilian Textual Linguistics (TL), we observe the variable use of the terms "multimodal text" and "plurisemiotic text". Thus, we argue that, although both terms point to the same empirical data (an entity of hybrid materiality) theoretically, they circumscribe different concepts. We aim, therefore, to draw a minimal conceptual contour of these terms and discuss their respective theoretical and methodological developments. To do so, we traced the genesis of the terms to identify the theoretical frameworks in which they appear. In the framework of multimodality approaches, the multimodal text is a semiotic instance mobilizing a multiplicity of modes in a communicative situation. This concept of text, based on mode, is imported to TL. Plurisemioticity appears in discourse studies as a discursive activity characterized by contact between semiotic systems,

* Doutor em Letras (área de Filologia e Linguística Portuguesa), Universidade Federal do Rio Grande do Norte. clemilton.pinheiro@ufrn.br

** Doutorando em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. matt.sp2000@hotmail.com

*** Doutorando em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. hebertonmc@gmail.com

but we do not find plurisemiotic text as a concept. Based on sign and sense, we propose a concept of plurisemiotic text in the ways of Eugenio Coseriu's TL.

KEYWORDS: Mode. Multimodality. Plurisemioticity. Semiosis. Text.

Artigo recebido em: 01.01.2024

Artigo aprovado em: 11.04.2024

1 Introdução

Grande parte do(a)s pesquisadores(as) em Linguística Textual, no contexto atual brasileiro, têm adotado a concepção de texto como atividade interativa cujos sentidos são construídos colaborativamente pelos sujeitos (ver, por exemplo, Koch, 2014). Essa concepção pressupõe compreender o texto como objeto dinâmico, multifacetado e complexo, mas também híbrido no que diz respeito à natureza da materialidade de que é composto (linguagem verbal e não verbal).

Para dar conta conceitualmente desse objeto, esses(as) mesmo(a)s pesquisadores(as) têm assumido a noção de “texto multimodal”. Em um capítulo de uma obra de referência sobre a Linguística de Texto no Brasil (Bentes; Leite, 2010), Bentes, Ramos e Alves Filho (2010, p. 398), por exemplo, exploram os desafios da “inserção da multimodalidade no escopo de assuntos pertinentes à Linguística Textual”. No entanto, embora de forma bem menos frequente, circula também a noção de “texto plurissemiótico”. Pinheiro e Lima (2022, p. 225), por exemplo, propõem uma discussão sobre “textos plurissemióticos, entendidos como eventos de linguagem que mobilizam signos verbais e imagéticos”. Para dar outro exemplo, de outra seara, a BNCC (Base Nacional Curricular Comum), documento oficial que estabelece conhecimentos, competências e habilidades a serem desenvolvidos pelo(a)s estudantes na escolaridade básica, prevê a prática de leitura, escuta e produção de textos orais, escritos e multissemióticos.

Queremos acreditar que o uso dos termos “texto multimodal” e “texto plurissemiótico” não constitui uma simples questão de variação terminológica. Embora os dois termos abarquem, ao menos em parte, um mesmo dado observacional

(uma atividade comunicativa e interacional entre sujeitos que mobiliza linguagem verbal e não verbal), defendemos que, no nível teórico, trata-se de objetos distintos¹.

Neste trabalho, queremos lançar luz sobre essa questão. Nosso objetivo é, portanto, traçar, com base na gênese dos termos, um contorno conceitual mínimo para “texto multimodal” e “texto plurissemiótico” e apontar os respectivos desdobramentos teórico-metodológicos decorrentes de cada um desses contornos.

2 Modo, multimodalidade e texto multimodal

Podemos começar a gênese do termo “modalidade” com a tradicional distinção entre língua falada e língua escrita, baseada em aspectos formais, estruturais e semiológicos. Fala e escrita são, nesse sentido, modos de representação da língua em sua condição de código. De acordo com essa distinção, a fala é uma forma de produção comunicativa na modalidade oral, e “caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como aspectos prosódicos, envolvendo ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem” (Marcuschi, 2001, p. 25). Por outro lado, a escrita “se caracteriza por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica” (Marcuschi, 2001, p. 26).

Nessa perspectiva, a comunicação por linguagem verbal pressupõe, portanto, uma modalidade (falada ou escrita). Nesse contexto, não se fala de multimodalidade, pois, muito em razão do desenvolvimento de disciplinas especializadas e autônomas dedicadas ao estudo da linguagem verbal, a monomodalidade ganha favoritismo. O favoritismo da linguagem verbal não apaga, é claro, o efetivo papel, na comunicação, de outros modos (imagem, gestos, música, por exemplo) de representação. Todos os

¹ Usamos, aqui, o raciocínio de Borges Neto (2004, p. 37) sobre objeto teórico da Linguística com base na separação entre objeto observacional e objeto teórico. “Teorias diferentes podem construir objetos teóricos distintos sobre um mesmo objeto observacional que é supostamente o mesmo, bastando para isso reconhecer entidades básicas, predicados e relações diferentes no objeto observacional.”

modos constituem, portanto, interesses de pesquisa, mas cada um é estudado de forma autônoma.

A obra seminal de Kress e Van Leeuwen (2001) costuma ser citada como um marco para a quebra dessa perspectiva e para a tomada de consciência de que a comunicação humana comporta vários modos, não justapostos e isolados, mas em combinação ativa entre si. Podemos, assim, situar aí o surgimento da noção de multimodalidade. Para esses autores, a multimodalidade é o princípio de toda comunicação: “a multimodalidade é o estado normal da comunicação humana” (Kress; Van Leeuwen, 2001, p. 21).

Além de ser tomada como princípio constitutivo da realidade da comunicação humana, a multimodalidade também é usada para identificar um campo de pesquisa composto por abordagens que compartilham o pressuposto de que cada ato comunicativo é um todo, composto de diferentes recursos e modos semióticos que constroem o seu significado, sem relação hierárquica fixa. Em outras palavras, isso quer dizer que “a representação e a comunicação sempre se baseiam em uma multiplicidade de modos, todos com potencial para contribuir igualmente para o significado” (Jewitt, 2011, p. 14). Assume-se também que os modos são fixados por meio de seus usos culturais, históricos e sociais, logo, também realizam funções sociais. “A multimodalidade se baseia no pressuposto de que os significados dos signos criados a partir de recursos semióticos multimodais são, como a fala, sociais” (Jewitt, 2011, p. 15).

No contexto dessas abordagens, emerge a noção de texto multimodal. Kress e Van Leeuwen (2001), no quadro da Semiótica Social, por exemplo, conceituam texto multimodal em relação à noção de desenho. O desenho constitui uma representação mental, um processo abstrato de conceitualização de produção semiótica. O texto é a realização concreta dessa representação. O texto é, portanto, no contexto das abordagens da multimodalidade, concebido como uma instância semiótica que mobiliza uma multiplicidade de modos de produção de significado disponíveis em

uma determinada situação comunicativa. Isso inclui um vasto leque de formas, conforme assinalam Kress e Van Leeuwen.

Queremos insistir, desde o início, que as instâncias semióticas nas quais estamos interessados – os textos – incluem as práticas cotidianas de pessoas "comuns" assim como as articulações de discursos em objetos mais convencionalmente vistos como textos, como revistas, programas de TV e assim por diante. Vamos nos referir a tudo isso [como] "textos vividos na prática" (Kress; Van Leeuwen, 2001, p. 24).

Um ponto central no estabelecimento desse conceito é a noção de modo (o texto é uma multiplicidade de modos). "O objetivo das pesquisas multimodais é entender os princípios de uso e os recursos modais disponíveis em uma representação multimodal (um texto multimodal) no momento comunicativo situado" (Jewitt, 2011, p. 22). Um modo é um conjunto organizado de recursos social e culturalmente modelados para construir significados.

Socialmente, um modo é o que uma comunidade toma como tal e o demonstra em suas práticas. É algo de interesse para uma comunidade e para suas necessidades de representação. Eu poderia dizer que a imagem é um modo; um fotógrafo ficaria horrorizado com uma constatação tão bruta: para ele ou ela a fotografia é um modo; um pintor pode sentir o mesmo em relação à pintura; ambos com razões plausíveis. Uma abordagem socialmente orientada considera que, se existe uma comunidade que usa os recursos de fonte, layout e cor com regularidade perceptível, consistência e compartilha suposições sobre seus potenciais de significado, então sim, são modos para aquele grupo (Kress, 2011, p. 59).

O modo é também comumente definido através de exemplos (linguagem, imagem, música), embora nem sempre se encontra um inventário de modos. Cope e Kalantzis (2009), por exemplo, identificam seis modos: o modo escrito (escrita à mão, página impressa, tela), o modo oral (fala ao vivo ou gravação), o modo visual (imagem parada ou em movimento, escultura, artesanato), o modo auditivo (música, som ambiente, sinal de alerta), o modo tátil (cinestesia, sensações de frio/calor da pele,

textura, pressão) e o modo gestual (movimentos de mãos e braços, expressões faciais, movimentos oculares).

No texto multimodal, cada modo apresenta um potencial comunicativo diferente, e, na combinação com outros, é mobilizado de acordo com as necessidades particulares do sujeito, em uma situação específica, de representar. Isso significa dizer que o sujeito tem à sua disposição um conjunto de modos e seus respectivos recursos aos quais ele recorre para atender suas necessidades de representação. O texto multimodal, nesse sentido, expressa a intenção do sujeito.

Autores e autoras brasileiros, como Cavalcante e Custódio Filho (2010) e Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), trazem a questão da multimodalidade e do texto multimodal para o âmbito da Linguística Textual. Ao conceber o texto como atividade interativa que não comporta apenas elementos verbais, mas também outros recursos semióticos, esses autores e essas autoras ratificam o princípio de que a multimodalidade é o estado normal da comunicação humana. Bentes, Ramos e Alves Filho (2010, p. 398), por exemplo, reivindicam “um necessário alargamento do conceito de texto, de modo a incorporar nele elementos não verbais (imagem, cor, etc.)”. Cavalcante e Custódio Filho (2010), por outro lado, realizam um ajuste na descrição corrente do funcionamento da linguagem verbal para dar conta também da linguagem não verbal: acrescentam a construção “não verbal” e eliminam o termo “linguísticos”(na citação, o termo aparece tachado).

A produção de linguagem [verbal e não verbal] constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos [linguísticos] presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal (Cavalcante; Custódio Filho, 2010, p. 64).

Podemos, nesse sentido, afirmar que, ao ratificar que a multimodalidade como princípio constitutivo da comunicação humana e assumir que o texto mobiliza uma

multiplicidade de modos de produção de significado disponíveis em uma determinada situação comunicativa, a Linguística Textual importa o conceito de texto multimodal (pautado na noção de modo) das abordagens da multimodalidade. A citação a seguir de Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 64) demonstra bem esse empréstimo, pois abarca a expressão "textos vividos na prática" de Kress e Van Leeuwen (2001) sobre texto multimodal.

A interpretação que o jogador de vôlei faz sobre os movimentos da equipe adversária na hora do saque (chamada pelo locutor televisivo de "leitura do jogo"); o conjunto de gestos que fazem parte da "conversa" entre o limpador de para-brisas e o motorista quando o carro para no semáforo; as considerações mentais sobre pobreza/religião/economia que um indivíduo faz quando vê um desabrigado na rua; os movimentos e tudo o mais envolvido no ato sexual. Tudo pode ser considerado texto, porque nos chama a participar ativamente de uma interação para a qual devemos dar sentido(s) (Kress; Van Leeuwen, 2001, p. 24).

Uma vez que a Linguística Textual também toma para si como objeto o texto multimodal, é de se esperar que ela porte questões próprias com base nas quais se possa pensar sobre novos aspectos desse objeto e apresente o respectivo aparato teórico-metodológico. Alguns autores e algumas autoras, na verdade, já apontaram alguns caminhos. Cavalcante e Custódio Filho (2010) expõem a necessidade de se considerar situações nas quais o verbal não é exclusivo ou predominante, o que exige a revisão do uso de termos como "linguístico" e correlatos. Por outro lado, também Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), apontam, embora de forma genérica uma problemática: como as informações dadas pelos diferentes modos, articuladas, levam ao processo de construção de sentido?

A verdade é o fato de que o desenvolvimento do tema do desdobramento teórico-metodológico para a Linguística do Texto desse conceito de texto multimodal requer um longo trabalho de levantamento de pesquisas já realizadas para que se

possa extrair a natureza dos problemas que vêm sendo abordados e então se estabelecer um desenho de um quadro teórico-metodológico específico, se existe.

3 Semiose, plurissemiotividade e texto plurissemiótico

O estabelecimento da gênese do termo “plurissemiótico” pode ser situado em torno do termo “intersemiótico” utilizado por Jakobson (1959) para designar o processo de interpretação de signos verbais por signos não verbais, ou uma mudança de código (uma imagem traduzida por um signo linguístico). Para o autor, existem três tipos de interpretação do signo verbal: (i) ele pode ser traduzido em outros signos verbais dentro de um mesmo sistema linguístico – dentro de uma mesma língua nacional, por exemplo – (ii) ele pode ser traduzido em outros signos verbais em outros sistemas linguísticos e (iii) ele pode ser traduzido em outros signos de sistemas semióticos não verbais. Esse terceiro tipo de interpretação do signo verbal ele chama de tradução intersemiótica ou transmutação.

Há, nessa proposta, pelo paralelismo com o termo “intersemiótica”, a possibilidade de existência do termo “plurissemiótico”. É preciso darmos um salto na história e chegarmos aos estudos do discurso, notadamente a Análise do Discurso Francesa (AD) e a Análise do Discurso Digital (ADD) para encontrarmos o termo “plurissemiótico” propriamente.

O termo aparece em Charaudeau e Maingueneau (2002) em verbete de dicionário de termos da AD.

Termo criado pelos analistas do discurso no trabalho para dar conta de algumas de suas especificidades (Boutet, 1993). A **semiótica** (ou **semiologia**) pode ser considerada como a ciência dos diferentes sistemas de signos, entre os quais estão os signos linguísticos. Há um importante debate sobre a tipologia e os critérios de classificação dos diferentes signos, debate atualizado nas ciências da comunicação devido à irrupção das novas tecnologias de informação. Um dos métodos de classificação consiste em considerar como relevantes os **canais** físicos de comunicação utilizados. É nesse quadro que se fala, nas ciências da comunicação, da **pluricanalidade** de certas mensagens.

A noção de **plurissemiotividade** inclui a dimensão dos meios ou canais de comunicação, mas não pode ser reduzida a isso. “Plurissemiotividade” permite-nos descrever uma das características das mudanças no trabalho. [...] Os assalariados agora fazem parte da apresentação de vários sistemas semióticos. Podem ser feitas as seguintes distinções: signos **linguísticos** (tanto escritos como orais) e signos **não linguísticos** (planos, modelos); signos sintaticamente **organizados** e signos linguísticos **assintáticos** (listas, tabelas); **signos linguísticos** e **números**. Observações de situações de trabalho também mostraram como essas diferentes semioses circulam e se transformam. Porque a plurissemiotividade se caracteriza por um fenômeno denominado **contato entre semioses** [...] em situações como o trabalho, onde diferentes sistemas semióticos estão em contato, esses não permanecem autônomos uns dos outros; sofrem fenômenos de mistura. Restringindo-nos às semióticas do oral e do escrito, notamos que certos gêneros discursivos como a exposição oral se apropriam das regras de operação da escrita: falar brevemente, organizar a fala segundo um sistema de listas (Charaudeau; Maingueneau, 2002, p. 434).

Como se pode notar, na primeira linha do verbete, os autores se ancoram no trabalho de Boutet (1993), uma vez que afirmam que o termo foi criado “[...] pelos analistas do discurso no trabalho para dar conta de algumas de suas especificidades (Boutet, 1993)” (Charaudeau; Maingueneau, 2002, p. 434). De fato, com base em Boutet (2016), ficamos sabendo que a autora focaliza o discurso laboral e identifica atividades verbais que apresentam um funcionamento específico.

As atividades verbais quase nunca estão independentes das atividades não verbais: atividades sobre objetos técnicos, materiais. [...] Trata-se de atividades que se realizam dentro de um estreito entrelaçamento com outros modos semióticos de representação da realidade: modos icônicos com gráficos e maquetes; formas numéricas com a representação cifrada do real (Boutet, 2016, p. 93).

Essas atividades, que apresentam concomitante e indissociavelmente verbal e não verbal (de natureza diversa), para Boutet (2016) são formas semióticas de representação da realidade, e, dada essa natureza, são chamadas de atividades plurissemióticas. São exemplos dessas atividades a interação oral mediada pelo

telefone com o cliente em *callcenters*, a leitura da tela do computador, a leitura de documentos em papel sobre a mesa do trabalho, a escrita de informações no dossiê informatizado do cliente.

Paveau (2017) desenvolve uma série de conceitos inéditos com os quais equipara a Análise do Discurso Digital (ADD) como abordagem teórica desse campo. No contexto desses conceitos, se situa o termo “plurissemiótico”. Os discursos digitais nativos são caracterizados por uma grande heterogeneidade, tanto do ponto de vista enunciativo (fontes enunciativas: internautas, sistema) como semiótico (signos que estruturam o discurso: texto, ícone, elemento tecnológico). Paveau (2019) mobiliza o termo “compósito” para descrever o resultado da constituição heterogênea dos discursos digitais nativos. O tecnografismo é um tipo de produção de destaque entre as produções compósitas: “o tecnografismo, composição de texto e imagem fixa ou animada, ocupa lugar de destaque nas produções discursivas nativas da web, constituindo parte de sua cultura (Paveau, 2019, p. 8). A noção de plurissemiotividade aparece para caracterizar o tecnografismo.

Defino tecnografismo mais precisamente como uma produção plurissemiótica que associa texto e imagem em uma composição multimídia nativa da internet, produzida por ferramentas e gestos tecnológicos e inserida nas normas do discurso digital nativo. [...]
O tecnografismo é, de fato, um duplo composto: é tecnodiscursivo (tecnologia e linguagem) e verbo-icônico (linguagem e imagem). Manifesta a dimensão multimidiática da literacia online (i.e. sistemas de escrita e produções semióticas) ao apresentar um conjunto de diferentes códigos em realizações intrínseca e simultaneamente plurissemióticas. (Paveau, 2019, p. 7).

Com base nesses trabalhos que acabamos de resumir, podemos afirmar que a plurissemiotividade é atividade discursiva caracterizada pelos canais de comunicação, mas, principalmente, pelo contato entre semioses/sistemas semióticos. Nenhum(a) do(a)s autores(as) situa o quadro teórico com base no qual empregam a noção de semiose ou de sistema semiótico. Subjaz, no entanto, a ideia comum de sistema

semiótico como um sistema que produz, transmite e interpreta signos (de diferentes tipos) e de que os sistemas semióticos são afetados pelo tipo de signo.

Em arremate a esse breve percurso conceitual, chegamos ao ponto de definir plurissemiotividade como um ato de comunicação e interação em que coexistem e entram em contato diferentes sistemas semióticos, mas não encontramos uma definição de texto plurissemiótico. No entanto, se, como mostramos na seção anterior, o texto multimodal é definido com base na noção de modo, o texto plurissemiótico pode ser definido com base na noção de signo e de sistemas semióticos. Tendo isso em mente, entendemos que é possível estabelecer um conceito com base no quadro teórico da Linguística do Texto proposta por Eugenio Coseriu já que essa proposta é pautada em relações semióticas.

Ao demonstrar o percurso de análise do sentido do texto com base na perspectiva de Coseriu (2007), que passa pela identificação de unidades, procedimentos e estratégias de constituição dos textos, Tămâianu-Morita (2021) inclui na lista unidades de outros sistemas semióticos: “E, aqui, claro, esses são exemplos ou casos de unidades linguísticas. Aqui devemos também acrescentar as unidades correspondentes em outros sistemas semióticos ou outros sistemas de signos” (Tămâianu-Morita, 2021, p. 137).

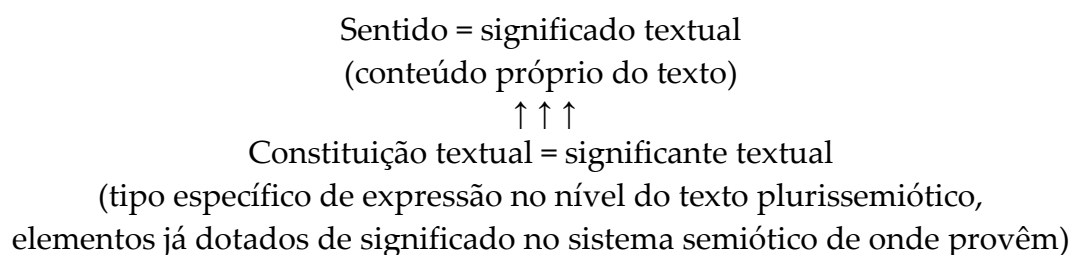
A ideia de que o texto comporta unidades de outros sistemas de signos cabe, inclusive, em uma das razões apresentadas por Coseriu (2007, p. 132) para justificar a autonomia do texto como nível da linguagem. Para o autor, “normalmente um texto é composto por uma só língua, mas não é necessário que seja sempre assim. Os textos plurilíngues são possíveis, de fato existem”. Com base na noção de texto plurilíngue (em cuja constituição entra mais de um sistema linguístico), e com base na ideia de que, no texto, há unidades composicionais de outros sistemas semióticos, se pode conceber também o texto plurissemiótico.

Para Coseriu (2007) o texto constitui um nível autônomo da linguagem, o nível individual (assim como há o nível universal, o do falar em geral; e o nível histórico, o

nível das línguas). Nessa perspectiva, texto é definido como um ato ou uma série de atos linguísticos de um falante em uma situação determinada. Com um pequeno ajuste (substituição de “falante” e “linguísticos”), essa pode ser também a definição de texto plurissemiótico: um ato ou uma série de atos plurissemióticos de um indivíduo em uma situação determinada.

Para Coseriu (2007, p. 153), os signos que entram na composição de um texto (texto unicamente verbal) apresentam significação e designação, que, por sua vez, se tornam expressão do sentido, que é um tipo de conteúdo próprio dos textos. “A designação e o significado, isto é, o que os signos linguísticos designam e aquilo que significam em uma língua dada, formam juntos no texto a expressão de uma unidade de conteúdo superior de índole mais complexa: o sentido”. Trata-se de um processo que o autor chama de dupla relação semiótica no signo textual.

Segundo a leitura de Tămăianu-Morita (2021, p. 129), nesse caso, “não se trata realmente apenas de signos linguísticos. Qualquer tipo de signos pode ser usado no texto”. Nos textos que combinam diferentes sistemas semióticos, “há todos os tipos de signos com sua significação e designação, às vezes apenas com sua designação, além de sistemas mais simples, que se tornam a expressão do sentido textual”. Em outras palavras, isso quer dizer que as unidades linguísticas e não linguísticas possuem, portanto, sua própria significação e designação, conforme o sistema semiótico de onde provêm, ou seja, elas são dotadas de significado em cada sistema semiótico. Com base nesse raciocínio, podemos, portanto, dizer também que, no texto plurissemiótico, essas unidades se tornam a expressão do sentido. A partir de um esquema apresentado por Tămăianu-Morita (2021, p. 129), propomos uma adaptação para ilustrar a dupla relação semiótica no texto plurissemiótico:



A linguística textual que pretende dar conta desse objeto tem, portanto, igualmente, as mesmas tarefas da linguística textual, tal como proposta por Coseriu (2007) para o texto apenas verbal, levando em conta, é claro, a existência de outros sistemas de signos: a) indicação da posição dos textos plurissemióticos na esfera dos sistemas semióticos que ele mobiliza (teoria dos textos plurissemióticos), b) construção de uma lista de procedimentos textuais possíveis para a construção do sentido e a delimitação desses procedimentos em relação a outros (linguística do texto plurissemiótico geral), e c) descrição e interpretação de um determinado texto (linguística do texto plurissemiótico) (Coseriu, 2007; Tămăianu-Morita, 2021).

Um exemplo do que pode ser a tarefa de descrição e interpretação está, em parte, contemplado no trabalho de Pinheiro e Moreira (2021) no qual se tem, com base em Coseriu (2007), um quadro analítico da construção do sentido do texto². No exercício de demonstração desse quadro, o autor e a autora realizam a análise de uma tirinha cujo sentido é “objetivado pelos procedimentos textuais e imagéticos, orientados pelas circunstâncias do falar: os entornos” (Pinheiro e Moreira, 2021, p. 161). Essa análise mostra, por exemplo, a maneira como os signos (verbais e não verbais) constituem um significante textual para o sentido.

O primeiro procedimento que se mostra relevante são as imagens dos dois personagens. O menino, sentado à mesa onde se dispõem uma folha de papel e um lápis, apresenta expressão facial e corporal de espanto, no primeiro quadro, de indignação, no segundo, e de raiva, no quarto. Além da expressão facial e corporal do menino, no quarto quadro, a expressão verbal é destacada em negrito. No terceiro quadro, o menino não aparece, e é posto em evidência o tigre, o segundo personagem. Aliado a isso, identificamos o uso de declarações exageradas do menino que deformam a atividade escolar que é obrigado a realizar: “o pior dever de casa”, “é impossível”, “eu não

² Esclarecemos que o propósito de Pinheiro e Moreira (2021) é demonstrar o alcance da Linguística do Texto de Eugenio Coseriu. Como ele e ela usam uma tirinha, tocam na questão do verbal e do não verbal, sem entrar no mérito da discussão teórica sobre modo ou signo. Ele e ela, inclusive, usam o termo “texto multimodal”. Apesar do termo, na nossa leitura, o trabalho apresenta traços do contorno de texto plurissemiótico que defendemos aqui.

posso”, “pura verdade”. Esses procedimentos (verbal e imagético), aliados aos entornos, objetivam a identificação de um sentido parcial: Calvin está inconformado com o dever de casa (escrever uma história). (Pinheiro; Moreira, 2021, p. 176)

Pinheiro e Moreira (2021), como já dissemos, sem entrar no mérito da discussão teórica sobre a natureza das unidades que compõem o texto (verbal ou não verbal) apontam a possibilidade real de um procedimento analítico para o texto plurissemiótico. No entanto, o contorno conceitual que acabamos de traçar é sumário e precisa ser apurado e desenvolvido.

4 Considerações finais

Neste trabalho, defendemos a ideia de que o uso dos termos “texto multimodal” e “texto plurissemiótico”, correntes entre pesquisadores(as) filiados à Linguística Textual, e de modo pontual, no Brasil, não constitui uma simples questão de variação terminológica.

Com base em um estudo, embora sumário, sobre a gênese dos termos, encontramos, nas abordagens da multimodalidade um conceito estabelecido de texto multimodal: uma instância semiótica que mobiliza uma multiplicidade de modos de produção de significado disponíveis em uma determinada situação comunicativa. Trata-se de um conceito desenvolvido com base na noção de modo, um conjunto organizado de recursos social e culturalmente modelados para construir significados (modo escrito, oral, visual, auditivo, tátil, gestual). Nesses termos, a Linguística Textual toma para si o texto multimodal como objeto, mas não identificamos, de forma sistemática, o desenho teórico-metodológico próprio da área para tratar esse objeto.

No campo dos estudos do discurso, situamos a gênese do termo plurissemiotividade para fazer referência ao ato de comunicação e interação em que coexistem e entram em contato diferentes sistemas semióticos, mas não encontramos a noção “texto plurissemiótico” como conceito. Apontamos, no entanto, que, assim como o texto multimodal é definido com base na noção de modo, o texto

plurissemiótico pode ser definido com base na noção de signo e de sistemas semióticos. Propomos, então, com base no quadro teórico da Linguística do Texto proposta por Eugenio Coseriu, que é pautada em relações semióticas, um conceito de texto plurissemiótico: um ato ou uma série de atos plurissemióticos de um indivíduo em uma situação determinada. O desenho teórico-metodológico para o tratamento desse objeto pode ser formulado também com base na LT coseriana.

Com essas constatações, queremos argumentar a favor da hipótese de que, embora os termos sejam usados para fazer referência a um mesmo dado observacional (uma atividade comunicativa e interacional entre sujeitos que mobiliza linguagem verbal e não verbal), e, de fato, são, às vezes, de forma intercambiável em um mesmo trabalho, no nível teórico, eles recobrem objetos distintos. Isso remonta ao princípio básico de que estudar linguagem exige tomar decisões em relação ao que priorizar, ou seja, exige assumir pontos de vista. Aquele a quem a história atribuiu a alcunha de pai da Linguística já advertiu: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto (Saussure, 2006 [1916], p. 15). Em outras palavras, o pai da Linguística também disse que “não há nenhum termo definível e válido fora de um ponto de vista preciso, como consequência da ausência total de seres linguísticos dados em si mesmos” (Saussure, 2012 [2002], p. 75).

Seguindo esse raciocínio, queremos dizer que os estudos no âmbito da LT, porque elegem o texto, genericamente falando, como dado de pesquisa, não estão tratando da mesma coisa, de um mesmo objeto teórico. Da mesma forma, embora estejam todos olhando para uma charge (móvel ou estática), um anúncio publicitário, isso não quer dizer que se trata de texto como objeto teórico, mais ainda que possa ser designado alternativamente por texto multimodal ou texto plurissemiótico.

Como dissemos no início, nossa intenção, aqui, é principalmente lançar luz sobre a questão. Feito isso, esperamos que outro(a)s pesquisadores(as) possam considerar nossa discussão e desenvolver novos trabalhos para refutar ou apurar nossa posição.

Referências

- BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (org.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BENTES, A. C., RAMOS, P.; ALVES FILHO, F. Enfrentando desafios no campo de estudos do texto. *In*: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (org.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 389-428.
- BOUTET, J. Atividades de linguagem em situações de trabalho. **Parágrafo**, v. 4. n. 1, p. 91-97, 2016.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do Gelne**, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.
- CHARAUDEAU, P. MAINGUENEAU, D. **Dictionnaire d'analyse du discours**. Paris: Éditions du Seuil, 2002. DOI <https://doi.org/10.4000/mots.8703>
- COPE, B.; KALANTZIZ, M. A grammar of multimodality. **The International Journal of Learning**, n. 16, p. 361-425, 2009. DOI <https://doi.org/10.18848/1447-9494/CGP/v16i02/46137>
- COSERIU, E. **Lingüística del texto**. Introducción a la hermenéutica del sentido. Édition et annotation d'Oscar Loureda Lamas. Madrid: Arco/Libros, 2007.
- JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. *In*: BROWER, R. A (ed.). **On translation**. Cambridge: Harvard University Press, 1959. p. 232-239. DOI <https://doi.org/10.4159/harvard.9780674731615.c18>
- JEWITT, C. An introduction to multimodality. *In*: JEWITT, C. (ed.). **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. 2 ed. New York: Routledge, 2011. p. 28-39.
- KOCH, I. V. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Hodder Arnold, 2001.
- KRESS, G. What is mode. *In*: JEWITT, C. (ed.). **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. 2 ed. New York: Routledge, 2011, p. 54-67.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

PAVEAU, M. A. **L'Analyse du discours numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Ed. Hermann, 2017. DOI <https://doi.org/10.1016/j.amcp.2016.10.007>

PAVEAU, M. A. Technographismes en ligne. Énonciation matérielle visuelle et iconisation du texte. **Corela** HS-28, p. 1-23, 2019. DOI <https://doi.org/10.4000/corela.9185>

PINHEIRO, C. L.; LIMA, M. P. S. de. Perspectiva Textual-Interativa e Plurissemiotividade: discussão sobre alcance e limite com base em um estudo bibliométrico. **Letras Raras**, v. 11, n. 3, p. 224-240, 2022. DOI <https://doi.org/10.35572/rlr.v11i3.2494>

PINHEIRO, C. L.; MOREIRA, J. F. B. Surrounding Field (los entornos), Meaning and Multimodality: Possibilities of Eugenio Coseriu's Text Linguistics. **CONCORDIA DISCORS vs DISCORDIA CONCORS**, v. 15, p. 159-180, 2021.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SAUSSURE, F. **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012 [2002].

TĂMĂIANU-MORITA, E. Disciplinas de textualidade na Linguística Integral de Eugenio Coseriu: Análise de texto, Linguística (geral) do texto, Teoria do texto. **Eutomia**, 30(1), p. 125-145, 2021. DOI <https://doi.org/10.51359/1982-6850.2021.252664>